

DO SADOMASOQUISMO ERÓTICO AO BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização

Regina Facchini[1]
Sarah Rossetti Machado[2]

Resumo: A apropriação com sentido erótico da categoria sadomasoquismo tem se feito presente no Brasil desde pelo menos meados da década de 1980. Num primeiro momento, isso se dá por meio da produção de literatura erótica e pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. Com o desenvolvimento da internet e de ferramentas de interação mediada por computadores, têm se multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de discussão, comunidades online e espaços de interação presencial, como festas ou clubes, revelando os contornos do que os adeptos chamam de "meio" ou "comunidade" BDSM. Tal "comunidade" imagina a si mesma a partir do compartilhamento de um conjunto bastante diverso de práticas eróticas, mas também de preceitos de conduta em que noções de sanidade, segurança e consensualidade têm papel central. A partir de análise de literatura, entrevistas com praticantes e observação de espaços de interação na internet, procuramos analisar o modo como um discurso de legitimação do sadomasoquismo é elaborado em dois momentos da história recente no Brasil, na abertura política e em meados dos anos 2000, relacionando-os a mudanças nas convenções sociais sobre gênero e sexualidade no país e à emergência e legitimação da noção de direitos sexuais.
Palavras-chave: Sadomasoquismo. Convenções sociais. Gênero e sexualidade. Direitos sexuais. Comunidades políticas

Esta apresentação se configura como uma tentativa bastante preliminar de unir resultados de nossas pesquisas sobre o que atualmente se chama de BDSM no contexto brasileiro. O acrônimo BDSM remete a *bondage, disciplina, dominação e submissão, sadismo e masoquismo*, um conjunto diversificado de práticas eróticas que eventualmente aparecem associadas em campo a práticas de *fetichismo* e *podolatria*, entre outras. O BDSM passa a ser tematizado na literatura sócio-antropológica brasileira a partir dos anos 2000. A maior parte da literatura recentemente produzida nesse campo disciplinar no país trabalha com redes de praticantes que se reúnem em espaços de sociabilidade como clubes ou festas em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Fortaleza ou com sites, blogs e redes sociais na internet. Excetuando o trabalho de Jorge Leite Junior (2000) e o de Bruno Zilli (2007), a maior parte se detém mais diretamente ao presente etnográfico dessas manifestações comunitárias online ou off-line. Por vezes, no entanto, amparadas na sugestão de Foucault (1977) acerca da produção de saberes médicos sobre as sexualidades periféricas e a emergência de personagens que posteriormente dão origem a demandas por liberação sexual, tendem a traçar relações (algumas vezes demasiadamente diretas) entre comunidades de praticantes, processos

[1] Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e professora dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e em Antropologia Social, Unicamp, Campinas, Brasil.
[2] Bolsista do CNPq no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e graduanda em Ciências Sociais no IFCH, Unicamp, Campinas, Brasil.

de produção de identidades e um passado em que classificações patologizantes foram traçadas na psiquiatria, na psicanálise e na sexologia. Outras vezes, o próprio campo marcado por uma série de categorias e referências a outros países, especialmente os EUA e alguns países na Europa, nos quais grupos de praticantes se organizam desde os anos 1970, acaba induzindo a uma relação que talvez seja direta demais entre classificações e práticas no Brasil e em outros países.

Essa necessidade de entender o que se convenciona chamar de BDSM no contexto brasileiro a partir de seus próprios termos, sem desconsiderar suas conexões com outros atores sociais no Brasil e no exterior e suas mudanças a partir de diferentes contextos tem se configurado como preocupação das autoras deste trabalho. Para tanto têm se debruçado sobre o BDSM pensado a partir de um conjunto mais amplo de mudanças nas convenções acerca de gênero e sexualidade na sociedade brasileira desde o período da abertura política.

O ponto de partida: convenções sociais sobre gênero e sexualidade e processos de mudança

As pesquisas[3] que deram origem a este *paper* tematizam a mudança social, especialmente no que diz respeito às convenções sociais relacionadas a gênero e a sexualidade, na sociedade brasileira nas últimas décadas. Para tanto, toma por referência uma perspectiva recentemente creditada não só ao trabalho de Peter Fry como de gerações de pesquisadores brasileiros. De acordo com essa perspectiva, "o estudo da sexualidade [...], mais do que um meio de revelar experiências silenciadas, oprimidas e marginalizadas, [é] uma chave para o entendimento das convenções culturais e das estruturas de poder mais amplas" (Carrara; Simões, 2007, 76).

A partir de pesquisas realizadas entre os anos 1970 e o início da década de 1980, Peter Fry (1982) identificou a existência e eventual disputa entre várias formas de classificar a sexualidade masculina no Brasil, delineando cuidadosamente dois modelos ideais: o "tradicional" ou hierárquico, que dividiria de modo hierarquizado o mundo masculino a partir da "masculinidade"/"feminilidade" e da "atividade"/"passividade", e o "moderno" ou "igualitário", que tomaria por base a "orientação sexual", colocando os parceiros num plano simétrico. O modelo moderno estaria "relacionado com toda uma transformação social das classes médias e altas nas grandes metrópoles do país, se não com a própria constituição dessas classes" (Fry, 1982, 95) e tinha fortes pontos de conexão com sistemas taxonômicos desenvolvidos no campo da medicina e das ciências psicológicas e psiquiátricas.

---

[3] Referimo-nos às seguintes pesquisas: 1) "Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo", apoiada pelo CNPq por meio do Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 57/2008 - Relações de Gênero, Mulheres e Feminismo e 2) "Convenções em movimento: gênero, sexualidade e mudança social em perspectiva comparada", apoiada pelo CNPq por meio da Chamada CNPq /CAPES N º 07/2011.

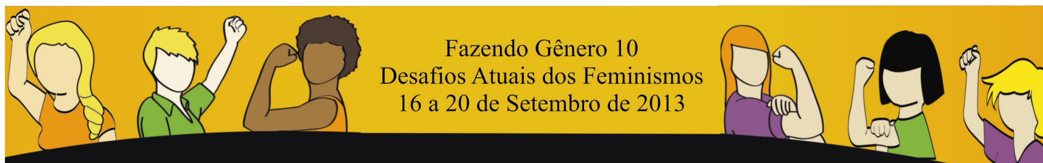
Na trilha de preocupações com processos de mudança social e convenções de gênero e sexualidade no contexto brasileiro, ao pesquisar mulheres de diferentes classes e gerações em São Paulo, Facchini (2011) localiza duas convenções que nomeia como "sexo como risco" e "sexo como prazer", cuja emergência é marcada por variações de classe e geração. A convenção que a autora nomeia de "sexo como prazer" emergiria na geração de mulheres de estratos médios que viveu a *contracultura/revolução sexual* no Brasil. Essa convenção parece estar ligada a ideais igualitários e tem duas ideias principais como mote: 1) a recusa à hierarquia e à violência, e 2) o compartilhamento de uma intimidade que tem como locus principal a vida afetivo-sexual.

Entrevistas realizadas para essa pesquisa (Facchini, 2011) indicaram conexões entre redes de ativistas feministas, ativistas homossexuais, engajados na luta contra a ditadura militar no período da abertura política no Brasil e a participação em grupos de reflexão ou publicações voltados para a ampliação dos limites das condutas sexuais tidas como aceitáveis. Uma das entradas nessa rede de pessoas que estiveram ligadas à criação do movimento homossexual ou do movimento feminista no Brasil também dá acesso a praticantes de *fetichismo*, do BDSM ou de *troca de casais*. Incursões a campo junto a redes de pessoas que se identificam como *fetichistas* e/ou praticantes de BDSM na cidade de São Paulo (Facchini, 2008; 2011; 2012) têm indicado tais redes como lugar privilegiado para pensar relações entre convenções igualitárias e práticas eróticas, bem como sobre processos de mudança social relacionados a convenções acerca de gênero e de sexualidade. Isso acontece porque o BDSM mobiliza hierarquias sociais como fonte para a elaboração de "roteiros eróticos" por parceiros que, apesar de ocuparem lugares hierarquizados nas práticas eróticas, mantêm na vida cotidiana (ou vida *baunilha*, como é chamada pelos praticantes) uma posição igualitária que é pressuposto para que haja possibilidade de consentimento (McClintock, 1993; Facchini, 2008; Gregori, 2010).

Seguindo essas pistas de campo, a pesquisa em desenvolvimento por Sarah Rossetti Machado faz uso de material obtido de diversas fontes (livros brasileiros que tematizam sadomasoquismo, fetiches e/ou liberação sexual, entrevistas e material audiovisual), buscando analisar a relação entre ideários igualitários e as propostas de liberação sexual presentes entre praticantes de *sadomasoquismo erótico* nos anos 1970 e 1980, além de identificar convenções sobre gênero, sexualidade, hierarquia e igualitarismo presentes em tais livros.

Glauco e Wilma:* sadomasoquismo erótico *e* podolatria *no Brasil da abertura

Os livros analisados foram produzidos entre o final dos anos 1970 e meados da década seguinte por Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, sendo que ambos os nomes são pseudônimos. O livro



de Glauco Mattoso é um relato autobiográfico que incorpora referências literárias relativas ao fetiche por pés. Publicado em 1986, o "Manual do Podólatra Amador" foi republicado pela Editora Casa do Psicólogo/All Books em 2006, podendo ser considerado uma obra *sui generis* na carreira do autor, mais conhecido por sua vasta produção como poeta e por sua participação em publicações alternativas do período da abertura, como o Lampião (1978-81) e o Pasquim (1982-83). Wilma Azevedo por sua vez, publicou seu escritos inicialmente em revistas eróticas e, depois, os compilou em livros que poderiam ser descritos como de produção a baixo custo, provavelmente é pouco conhecida fora do *meio* BDSM e, diferente de Glauco Mattoso, suas obras não têm caráter literário reconhecido. É considerada precursora/difusora do chamado *sadomasoquismo erótico*, visto que, tendo tomado contato com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que davam voz às fantasias e práticas dos integrantes desse *meio*. Dois livros dessa autora, publicados no início dos anos 1980, foram analisados: "A Vênus de Cetim" (1986) e "Tormentos Deliciosos" (s/d).

Wilma e Glauco citam-se mutuamente nesses livros, assim como a Henfil, que aparece no livro de Glauco como *podólatra confesso* e nos de Wilma como interlocutor e cúmplice, que escreve inclusive prefácio e capa posterior de seu livro, ao qual se refere nos seguintes termos:

> Henfil - o nosso famoso cartunista, o primeiro homem público a assumir essa posição aqui no Brasil, revelando em artigos, entrevistas e palestras que os seus Fradins são os refletores de seu próprio ego, porque é um Masoquista assumido - ajudou muitos homens a se libertarem do peso de ser Masoquistas. Homens que haviam se casado com mulheres que não tinham nada a ver com as suas tendências e predileções sexuais partiram à procura de quem os satisfizesse melhor na cama e, hoje, são muito felizes. Muitos homens que passam o dia todo vestidos com a sua "capa" de Macho, por imposição do trabalho, meio ambiente e outros motivos, à noite estão morrendo de vontade de abandonar a sua máscara de mandões e machistas, para se tornar brinquedos sexuais nas mãos de mulheres inteligentes e fortes que os submetam a seus caprichos e vontades! (AZEVEDO, 1986, p. 168)

Em fins dos anos 1970, mesmo momento de efervescência cultural e política tão bem retratado em escritos sobre o início do movimento homossexual (MacRae, 1990), Glauco contava vinte e poucos anos e Wilma quarenta e poucos. Os livros são distintos com relação a um projeto autobiográfico. Em palestra no evento anual pelo Dia Internacional do BDSM realizado pelo Clube Dominna em 2010, Wilma relatou que boa parte do que conta sobre si nesses livros é ficcional, e que teria vindo de uma família de estratos médios no interior de São Paulo, origem que protegeu nos livros, sendo que quando tinha 31 anos seu marido, dez anos mais velho, sofre um derrame e passou anos acamado até a morte. Nesse período, precisou se profissionalizar, buscar autonomia financeira, mas também *passou os melhores anos de vida de uma mulher de sexo com uma carência sexual muito grande*. Seus escritos e falas levam a crer que sua deriva entre a profissionalização como jornalista e

as redes relacionadas a entretenimento sexual são produto bem acabado de um momento em que autoconhecimento, valorização do prazer e liberação sexual se querem também assuntos de mulher. Nesse contexto, seu projeto de profissionalização e interesses eróticos se encontram com um conjunto disperso de sujeitos com interesse em sadomasoquismo que se comunicam via classificados e contos publicados em revistas eróticas, aos quais, do lugar de jornalista e sob pseudônimo, decide dar voz em seus textos e acaba por ajudar a articular.

No “Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés”, Glauco Mattoso se propõe fazer uma autobiografia sexual, seus relatos nos conduzem dos arredores da avenida Sapopemba (periferia da zona leste de São Paulo) nos anos 1950 e 60, passando pelo centro de São Paulo no período da ditadura, e pelo Rio de Janeiro e em São Paulo no período da abertura e redemocratização. Acompanhamos a infância e o início da adolescência marcados por uma profusão de personagens do sexo masculino que faziam troca-troca no mato abundante no bairro, mas também tinham no menino estudioso, que usava óculos e evitava atividades físicas (como praticar esportes ou dançar) por conta do glaucoma que já se manifestava, uma *vítima potencial*. Em pleno governo Médici em meio à atmosfera da Boca do Luxo, acompanhamos seus tempos na graduação em biblioteconomia na Escola de Sociologia e Politica, curso que na época era frequentado por homens, em geral *caretas demais para serem considerados subversivos*, mas também suas aventuras fazendo-se passar por *calouro* entre os *veteranos* e *bichos* do Mackenzie. O início da vida profissional o leva para o Rio de Janeiro, onde participou de reuniões na casa de Leila e Marcelo Liberalli, que em 1977 reunia um flutuante grupo de estudos sobre homossexualidade e estabeleceu contato com João Silvério Trevisan que fazia o mesmo em São Paulo:

> Foram os "saraus" homossexológicos de Marcelo e seu contato com Trevisan o que me serviu de ponte pra duas experiências decisivas: participar do jornal Lampião e do grupo Somos, respectivamente o primeiro periódico vendido em bancas e o primeiro coletivo exposto em público a levantar a bandeira da "Santa Causa", como se apelidava a vida guei, até então sem a seriedade e coragem necessárias pra sustentá-la fora dos guetos. [A atuação no Somos implicava a participação em eventos], sempre sustentando a grande tese da época: que a conscientização do homossexual passaria necessariamente pelo repúdio anarquista de toda estrutura de poder, incluindo a família, o casamento hetero, a divisão de papéis ativo & passivo, a monogamia, a fidelidade, o ciúme, o mero compromisso. (...) A "abertura" do governo Figueiredo trouxe de volta Gabeira, Herbert Daniel e outros teóricos da "política do corpo", mas quando eles chegaram nós já tínhamos reservado nosso camarote ao lado das demais "minorias" (negros, mulheres, índios) que bagunçavam o Coreto dos esquemas simplistas (...), até então vigentes na cabeça e no discurso dos intelectuais engajados, que só pensavam em "luta maior", isto é, tomar o poder. (MATTOSO, 2006, p. 134)

Mas as identidades de escritor e homossexual não eram as únicas. Ao falar da experiência no Somos, encontra outra especificidade/identidade:

> encontrei o reforço de identidade que necessitava pra não me julgar tão excêntrico. Se entre os heteros um guei já não era tão “anormal”, entre os gueis um podólatra não podia ser tão “específico”. (...) Aliás, corroborei essa convicção quando fui ver de perto, em 80, as

> grandes matrizes mundiais do way-of-life guei: Nova York e San Francisco. Lá constatei não haver "especificidade" que não tenha seu mercado de consumo & sua filosofia de vida; e de lá trouxe uma batelada de livros & revistas sobre S & M, podolatria inclusa. (MATTOSO, 2006, p. 150)

Esse mesmo movimento em busca de referências internacionais está presente em Cosam Atsidas, praticante que criou a Associação Brasileira de Sadomasoquismo (ABS)[4] e que é personagem do livro "A vênus de cetim", de Wilma Azevedo[5]. O próprio Glauco relata que conheceu o Foot Fraternity de Ohio e pensou em criar um Clube do Chulé ou um Podólatras Anônimos, mas nunca teve tempo ou estrutura para fazê-lo:

> Cheguei até a bolar estatutos & regulamentos, mas deixei a ideia de lado por falta de tempo, grana e infra. Minha parca visão tava canalizada pra diversas atividades intelectuais, entre elas a colaboração em suplementos literários e magazines musicais. Mesmo assim, dei o pontapé inicial pra muitos podólatras que acabaram criando páginas na Internet, entre as centenas que hoje se acham, procedentes dos quatro cantos do mundo, em sites como o asiático Male Feet Links, espécie de catálogo virtual da podolatria masculina. (MATTOSO, 2006, p. 218)

A internet, porém, aparece apenas em meados dos anos 1990. Tanto a trajetória de Glauco quanto de Wilma são marcadas pelo uso dos classificados de revistas eróticas por pessoas com interesses em sadomasoquismo e em fetiches. Wilma Azevedo escrevia matérias para Ele & Ela e Club e cita também as revistas Fiesta e Homem como tendo anúncios com essas temáticas.

> Depois de escrever alguns artigos para a revista Ele & Ela, a Club dos Homens me contratou, e em cada "conto" mensal eu revelava as delícias e as formas corretas de se fazer amor nos padrões de uma fantasia pouco explorada pelas mulheres. Ao assumir o papel de dominadora, comecei a receber muitas cartas e cada vez mais fui me convencendo o quanto estava sendo útil. (...) Com o passar do tempo, as correspondências foram se avolumando e senti a necessidade de formar uma equipe de trabalho. Na época em que Cosam me deixou, formei um grupo de interessados e adeptos do S.M., porém, isso durou apenas um ano. Mas depois, com tanto trabalho, dispendioso para uma só pessoa, resolvi descentralizar toda essa correspondência e serviço de utilidade pública entre as pessoas com capacidade de aconselhar e dar informações diversas a respeito do assunto. Entre os amigos mais chegados, recebi apoio de uma meia dúzia que me ajudaria na confecção de uma espécie de Clube onde todos se ajudariam mutuamente (AZEVEDO, 1986, 171-2; grifos nossos).

Como aqueles/as que se articulavam e tinham acesso a uma pedagogia erótica a partir dos escritos e trocas de cartas com Wilma e seus amigos, em sua busca por parceiros, Glauco se coloca como um usuário de *correio sentimental* e indica a crise econômica e a aids como fatores que colaboram para o fim desse tipo de comunicação*:*

> A partir de 79, proliferaram as revistinhas eróticas dirigi das ao público guei, contendo quase que só fotos de nus masculinos e seções de anúncios classificados. (...)

---

[4] A informação sobre a fundação da Associação é de Azevedo (1986), portanto se refere a período anterior.

[5] O título do livro faz referência a uma passagem em que identificada com Wanda, personagem de "A vênus das peles" de Sacher-Masoch, Wilma elabora a personagem da Vênus Castigadora, substituindo o látex e o couro que vira em fotos de revistas internacionais sobre SM que Cosam lhe mostrara por uma fantasia de carnaval em cetim, segundo ela, mais adequada ao clima no Brasil.

> Constatei que a correspondência era um meio farto & seletivo de estabelecer contatos, sem necessidade de frequentar os pontos de badalação. Uma singela cartinha evitava o desgaste e a frustração de muitas paqueras e cantadas infrutíferas; poupava da chatice de aturar zoeira e aglomeração nos ambientes fechados; além disso, diminuía o risco de ser assaltado ou pegar uma doencinha venérea. (...) A coisa foi amadurecendo por dois anos, desde que parei de colocar anúncios. E parei não porque desistisse do método postal, mas porque as revistas que anunciavam começaram a escassear, com a retração do mercado em face da crise econômica e da disseminação da AIDS. (MATTOSO, 2006, p. 158)

São Paulo, anos 2000: o BDSM na internet, redes sociais e grupos presenciais

No relato de Glauco Mattoso, passado o período inicial de pânico em torno da aids como "peste gay", em meados dos anos 1990, momento em que já havia perdido totalmente a visão, é a internet que ocupa o lugar das caixas postais:

> Embora continuasse recluso e incapacitado pruma vida autônoma fora das paredes do apartamento, voltei a me conectar com o mundo, dar a cara em palestras e entrevistas, reativar um círculo de amizades e, claro, marcar presença na Internet. Foi graças à rede, aliás, que realimentei a podolatria quase engavetada e o tesão que tremulava a meio pau. O anonimato garantido pelos "emeios", mais seguro que uma caixa postal ou o sexo pelo telefone, animou alguns curiosos a me provocar, depois de terem visitado meu "sítio", fosse acidentalmente ou por busca. (MATTOSO, 2006, p.230)

Ao que parece, boa parte dos praticantes mais velhos fez esse tipo de migração dos classificados para a internet. Entrevistas e conversas em campo na segunda metade dos anos 2000 indicavam o uso do MIRC, de salas de bate-papo de fetiche no portal Terra e de sadomasoquismo no portal UOL, o que se intensifica com o desenvolvimento de programas de trocas de mensagem instantâneas, que permitiam salvar uma lista de contatos no programa, e listas de discussão por email. Depois, em meados dos anos 2000, surgem comunidades em redes sociais, como o Orkut. Nos anos 2010, praticantes brasileiros começam a frequentar redes sociais para *kinks* e *fetichistas*, como é o caso do Fetlife. Mais recentemente, uma rede social brasileira voltada para BDSM foi criada, com a diferença de que a ela têm acesso apenas pessoas convidadas por integrantes. Outra forma importante de comunicação de adeptos pela internet são os blogs.

No início dos anos 2000 já havia muitos blogs e sites voltados para BDSM, com divulgação de locais de encontro, manuais, indicações do que é ou não seguro fazer, discussão da filosofia que acompanha as práticas e relatos eróticos e fotos. Mas a interação online não se esgota em si mesma, dando margem à interação off-line entre praticantes e também à formação de grupos: o site Desejo Secreto, estudado por Bruno Zilli (2007) é um exemplo, visto que começou as atividades a partir de pessoas que se conheceram nos canais do MIRC, dando origem a uma lista de discussão de internet, uma comunidade no Orkut e até a publicação de livros, como é o caso do "Sem Mistério: uma

abordagem (na) prática de bondage, dominação, sadismo e masoquismo", publicação mais voltada para a linha dos manuais propriamente ditos, lançado em 2002 pela Cia. do Desejo.

No período em que se desenvolvem essas formas de contato via internet já havia grupos presenciais se reunindo em São Paulo. Jorge Leite Júnior (2000) remete às atividades de um desses grupos, o SoMos, criado em 1992, cujo objetivo era propiciar espaço de sociabilidade, troca de experiências, aprimoramento de práticas e conhecimentos, possibilitando a prática do SM, de modo a minimizar riscos tidos como inerentes a esse tipo de prática. Entre as atividades do SoMos estavam dias de estudo, debates e workshops. Esse grupo se reuniu em espaços públicos, como barzinhos e restaurantes em bairros de classe média paulistanos até o final dos anos 1990, quando surge o primeiro espaço específico, o bar Valhala: misto de barzinho com um salão em separado – um *dungeon* – equipado para a prática de SM, que funcionou ligado ao grupo SoMos até 2002.

Após isso, surge o Clube Dominna, que funcionou em local próprio entre 2004 e 2010,sendo acompanhado em campo por Facchini (2008 e 2012) e por Gregori (2010). No final dos anos 2000 surgem outros espaços em São Paulo, como o Libens, que funcionou entre 2008-9 e teve atividades acompanhadas por Gregori (2010); o projeto Luxúria que organiza festas *fetichistas* há cerca de seis anos na cidade e a Dungeon/Porão, festa que acontece com periodicidade quinzenal e depois mensal desde 2012. Além disso, há grupos que se reúnem em bares ou espaços privados para sociabilidade ou prática. Um ponto importante no que diz respeito à observação dos espaços de interação presencial nos últimos anos indica não apenas uma popularização (no sentido de não serem mais espaços frequentados majoritariamente por pessoas de estratos altos e médios), como o crescimento do número de pessoas que frequenta espaços presenciais de encontro ou comunidades on-line.

Ao finalizar um período de pesquisa junto a grupos de praticantes, Facchini (2008) afirmava que o BDSM com que teve contato em São Paulo, de fato toma por base a experiência de grupos BDSM norte-americanos e europeus, e invoca o confronto político em relação à patologização, à estigmatização social e aos constrangimentos legais à fruição erótica ligada ao BDSM. O vocabulário, as práticas e os instrumentos usados no meio e nas cenas também são bastante influenciados, não só pela literatura erótica, como pelos manuais de BDSM traduzidos em sites de internet. Assim como no movimento LGBT, as viagens e os contatos internacionais dos primeiros integrantes da comunidade foram cruciais para seu desenvolvimento.

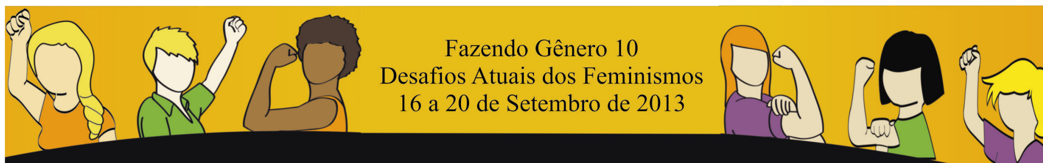
Aqui, no entanto, a organização em *comunidade* e a divulgação do SSC (são, seguro e consensual), como base para o exercício de práticas, não se dão num contexto de embates políticos, tais como os descritos por Gayle Rubin (Rubin; Butler, 2003), a partir da realidade norte-americana

da segunda metade dos anos 1970. O conservadorismo brasileiro tem se expressado pela via de um "fundamentalismo religioso" muito mais preocupado com questões como "direitos dos homossexuais", pesquisas com células de embriões e aborto. No Brasil, o BDSM não está inserido na agenda política dos "direitos sexuais", nem conta com legislação ou jurisprudência formada, a partir de casos que tenham ganho maior visibilidade social. Não está, também, no campo de interesses do movimento feminista. O diálogo se dá entre *comunidades* organizadas fora do Brasil e pessoas que desejam maximizar prazer e reduzir riscos e têm se constituído em *comunidade*, aqui, desde pelo menos meados dos anos 1980. O principal elo entre elas parece ser a (des)identificação com o discurso psiquiátrico sobre perversões e parafilias e o desejo de criar alternativas de legitimação da prática do BDSM.

Assim como em outros espaços estudados por Gregori (2008, 2010), tais como sex-shops de classe média e cursos que ensinam *pompoar* ou *strip-tease* para mulheres casadas de estratos médios, a ampliação do escopo de práticas possíveis tem se dado também a partir do *meio* BDSM, mas de modo relativamente silencioso. A *comunidade*, longe dos calorosos embates anti ou pro-sex, muitas vezes, lança um olhar para outros personagens constituídos no campo da psiquiatria e da sexologia dos séculos passados, numa perspectiva comparativa: os debates em listas de discussão e redes sociais estão sempre atentos aos avanços do movimento LGBT e aos diversos acontecimentos envolvendo o "pânico moral", mas veem a cada um desses personagens como "outros".

A exposição pública pontual de integrantes da comunidade, na mídia, tem ocorrido com certa cautela. Alguns integrantes da *comunidade*, que têm seus *nicks* (pseudônimos) citados em matérias jornalísticas, aparecem em veículos de comunicação tão diferenciados, que se pode supor serem referência para o tema nas listas de contatos de jornalistas de veículos tão distintos, quanto programas de variedades na TV, jornais e revistas da grande mídia, veículos de imprensa segmentada e revistas eróticas. A cautela se deve a uma equação entre erótico e exótico, que parece ser estabelecida na mídia, com jornalistas e produtores, geralmente, buscando aspectos pitorescos e mais apimentados de suas trajetórias e experiências. Esses momentos de exposição pública parecem ter por objetivo mais *desmistificação* do BDSM para pessoas comuns (que poderiam ser seus vizinhos ou colegas de trabalho), orientar novos praticantes e procurar romper uma certa "exotização", do que lutar contra constrangimentos mais institucionalizados.

A *comunidade* é "imaginada" - no sentido que Anderson (1991) confere ao termo - como rede social de suporte individual, troca de conhecimentos e administração coletiva de riscos tidos como implicados nas práticas. Se a tríade SSC (são, seguro e consensual) representa um ideal em torno do



qual se estruturam práticas, é preciso ressaltar que a *consensualidade*, como fundamento, aparece intimamente associada aos controles comunitários. O que, por outro lado, não deixa de propiciar um campo de conflitos, fazendo com que a *comunidade* se estruture num equilíbrio tênue entre *vaidades*, *fofocas*, posições isolacionistas, debates de concepções, solidariedade e busca de *respeito.*

Arremates preliminares

Um olhar panorâmico sobre o que relatamos até aqui permite indicar que: 1) a comunidade que se se imagina em torno das práticas de *sadomasoquismo erótico*, *fetiche* ou BDSM tem se articulado no Brasil por meio de diferentes espaços de sociabilidade possíveis nos diversos momentos, seja trocando cartas mediadas por caixas postais e classificados eróticos, seja por ferramentas de comunicação medida por computadores, seja presencialmente em locais próprios ou em bares ou restaurantes convencionais; 2) boa parte desses espaços são comerciais e parte considerável esteve, e eventualmente ainda está, ligada ao mercado voltado a bens eróticos; 3) embora a comunidade de praticantes se articule por meio de espaços comerciais, nem toda interação implica espaços comerciais, sendo que a ideia do faça-você-mesmo é bastante difundida, os objetos produzidos pelos próprios adeptos são os mais valorizados, espaços privados são utilizados para encontros pessoais ou de grupos e blogs gratuitos são, ainda hoje, muito utilizados; 4) as atividades desenvolvidas em sua maior parte não são comerciais e há bastante resistência à ideia de que se obtenha lucro a partir da organização de encontros entre adeptos; 5) não é raro que adeptos se refiram ao *meio* ou à *comunidade* BDSM como um movimento que visa possibilitar que as práticas ocorram de modo mais seguro, mas que também discute formas de articulação e direitos dos praticantes, especialmente no que diz respeito a possibilidades de patologização ou criminalização de suas condutas.

Olhar para as redes mobilizadas pelos romances eróticos do período da abertura política, mas também posteriormente pelos praticantes reunidos em espaços de sociabilidade online ou presencial, indica algumas articulações entre atores sociais, sendo a literatura, especialmente a literatura erótica, uma conexão muito forte, por meio das quais muitas pessoas passam a se interessar ou se aproximam do *meio*, saindo da situação de *isolamento* descrita por Glauco Mattoso e por Wilma Azevedo, numa retórica que lembra bastante a dos ativistas homossexuais.

No entanto, como indicam os romances analisados, essa rede também se articula com grupos ativistas do exterior, com produtores de artes (teatro, artes visuais) e de literatura não necessariamente relacionada ao campo do erótico, além de dialogar fortemente com a produção de conhecimento no campo científico, especialmente com a sexologia, a psiquiatria, a psicanálise, o direito, mas também

com a filosofia e com as ciências sociais. No caso do diálogo com o campo científico, ele em boa medida decorre de classificações médicas e das ciências psi relacionadas a categorização das condutas como "perversão" ou, posteriormente, como "parafilias".

Pressupostos igualitários perpassam tanto os livros do período da abertura analisados - nos quais não é a toa que são um homossexual e uma mulher que se quer independente e sexualmente liberada que relatam suas histórias mais ou menos ficcionais - quanto a noção de consentimento, sobre a qual se estruturam tanto o *sadomasoquismo erótico* defendido por Wilma Azevedo quanto o BDSM dos anos 2000:

> E uma das separações necessárias são a do Sádico-erótico para o Sádico-maldoso; do Masoquista-erótico para o Masoquista-suicida. O Sádico-erótico só sente prazer se os limites dos outros e das próprias leis da natureza forem respeitados. Os Masoquistas-eróticos são os que procuram, no prazer comedido, o máximo de excitação, sem que isso comprometa a sua integridade física. Essa separação tem que ser feita, e quando se falar em "escravo" usar sempre o "erótico" logo após, porque o "escravo-erótico" tem que sê-lo de livre e espontânea vontade, de comum acordo entre as partes e nunca como uma imposição. (AZEVEDO, 1986, 164).

Não deixa de ser curioso, no entanto, que esse embate se dê pela via de escritos autobiográficos. Dos anos 1980 até hoje, a partir de diversos suportes, é a partir de entrevistas, blogs, relatos autobiográficos (ficcionais ou não) produzidos a partir de pseudônimos ou *nicknames* que adeptos ou praticantes de sadomasoquismo erótico, fetiches ou BDSM se colocam em público. O relativo silêncio e invisibilidade parece operar de modo protetivo, num contexto em que suas práticas são vistas como *taras* - no sentido de *sacanagem*, o que aproxima do campo do entretenimento sexual -, mas também ainda persistem em manuais psiquiátricos, nos quais noções herdeiras das "monomanias", "parestesias" e "perversões" do século XIX os colocam lado a lado com classificações que remetem a personagens que mobilizam os pânicos morais contemporâneos, como a de "pedófilos". No Brasil, é ainda majoritariamente a partir da internet, de mesas de bares e restaurantes ou clubes sem nome na fachada, que avatares com imagens alusivas aos interesses eróticos e sujeitos que usam *nicknames* mobilizam uma identidade e um nós bastante intrincados e difusos em busca de fazer algo daquilo que entendem que foi feito deles mesmos.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*: reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso, 1991[1983].

AZEVEDO, Wilma. *Tormentos Deliciosos.* São Paulo: Graphic Vision, s/d.

AZEVEDO, Wilma. *A Vênus de Cetim.* São Paulo: Editora Ondas, 1986.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 65-100, 2007.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras*: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

______. Relatório Final do Projeto "Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo". 2011. Relatório de pesquisa – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp, Campinas. (mimeo)

______. Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM. *Pensata* (UNIFESP), v.1, p. 6-25, 2012.

FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: ______. *Para Inglês Ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, p. 87-115, 1982.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia* (USP. Impresso), v. 51, n, 2, p. 576-606, 2008.

______. *Prazeres Perigosos*. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. 2010. Tese (Livre docência) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

LEITE Jr, Jorge. *A Cultura SM*. 2000. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade*: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MATTOSO, Glauco. *Manual do Podólatra Amador.* 1ª Edição, revista e ampliada. São Paulo: All Books, 2006 [1986].

McCLINTOCK, Anne. Maid to order: commercial S/M and gender power. In: GIBSON, P. C.; GIBSON, R. *Dirty Looks*: women, pornography, power. London: British Film Institute, 1993.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual: entrevista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 157-209, 2003.

ZILLI, Buno Dallacort. *A perversão domesticada*: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - UERJ, Rio de Janeiro.

From erotic sadomasochism to BDSM: discourses of legitimation, sexual rights and social conventions about gender and sexuality in the context of Brazilian post-redemocratization

Abstract: The appropriation of the category of sadomasochism in an erotic sense has been present in Brazil since at least the mid-1980s. At first, it was mediated by the production of erotic literature and also the communication of its practitioners through magazines and erotic ads. With the development of Internet tools and computer-mediated interaction, the numbers of sites, blogs, chat rooms, mailing lists, online communities and also off-line spaces of interaction, like parties or clubs, have increased, revealing the contours of what practitioners may call as BDSM "meio" (circuits) or "community". This "community" imagines itself by the idea of sharing a very diverse set of erotic practices, but also through precepts of conduct in which notions of sanity, safety and consensuality play a central role. Starting from a literature analysis, interviews with practitioners and the observation of spaces of interaction on the Internet, we aim to analyze how a discourse of legitimation of sadomasochism is elaborated in two moments of recent history in Brazil, in the political opening and in the mid-2000s, relating them to changes in the social conventions about gender and sexuality in the country and the emergence and legitimation of the notion of sexual rights.
Keywords: Sadomasochism. Social conventions. Gender and sexuality. Sexual rights. Political communities